

**POR UMA PEDAGOGIA ACUIRLOMBADA: UM ENTRELAÇO EM JOTA
MOMBAÇA E ROSANA PAULINO¹**

***POR UNA PEDAGOGÍA ACUIRLOMADA: UN ENTRELAZAMIENTO ENTRE JOTA
MOMBAÇA Y ROSANA PAULINO***

***FOR A MAROONAGE PEDAGOGY: AN INTERLACE BETWEEN JOTA MOMBAÇA
AND ROSANA PAULINO***



José Henrique de Jesus SILVA²
e-mail: errique.silva34@gmail.com



Alfrancio Ferreira DIAS³
e-mail: diasalfrancio@academico.ufs.br

Como referenciar este artigo:

SILVA, J. H. J; DIAS, A. F. Por uma pedagogia acuírlombada: um entrelaço em Jota Mombaça e Rosana Paulino. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 19, n. 00, e024130, 2024. e-ISSN: 1982-5587. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v19i00.19247>



| **Submetido em:** 10/01/2024
| **Revisões requeridas em:** 17/03/2024
| **Aprovado em:** 18/04/2024
| **Publicado em:** 21/10/2024

Editor: Prof. Dr. José Luís Bizelli

Editor Adjunto Executivo: Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

¹ A ausência de uma tradução da palavra acuírlombamento para outras línguas nos permite aproximar sua dimensão conceitual a partir de outros termos e conceitos, como “Maroonage”.

² Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão – SE – Brasil. Mestrando em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe. Pesquisador no Grupo de estudos queer e outras epistemologias feministas (ConQueer/CNPq).

³ Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão – SE – Brasil. Doutor em Sociologia. Professor do Departamento de Educação e Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe. Líder do Grupo de estudos e pesquisas queer e outras epistemologias feministas (ConQueer/CNPq). Bolsista em Produtividade em Pesquisa do CNPq.

RESUMO: Este artigo parte da compreensão do pensamento e da poética de Jota Mombaça e Rosana Paulino na construção de uma pedagogia acuir lombada, baseada em suas experiências negras dissidentes. Numa investigação conceitual das produções dessas duas intelectuais, objetivamos entender os conceitos de aquilombamento e acuir lombamento e sua aplicabilidade ao campo educacional, investigando suas potencialidades. Tomamos como referências a obra “Não vão nos matar agora” (2021) de Jota Mombaça e as obras visuais “Assentamentos” e “Paredes da Memória” da artista plástica Rosana Paulino. Utilizamos a poética e a arte como recursos potencializadores para uma deserção colonial, no combate ao racismo e à antinegitude, contribuindo para uma visão crítica em prol da liberdade. Esses elementos tecem, no cotidiano educacional, caminhos para uma educação antirracista e sua criticidade no combate do racismo e suas sutilezas.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Contracolonial. Rosana Paulino. Jota Mombaça. Aquilombamento. Acuir lombamento.

RESUMEN: Este artículo parte de la comprensión del pensamiento y de la poética de Jota Mombaça y Rosana Paulino en la construcción de una pedagogía acuir lombada, basada en sus experiencias negras disidentes. En una investigación conceptual de las producciones de estos dos intelectuales, nuestro objetivo es entender los conceptos de aquilombamiento y acuir lombamento y su aplicabilidad en el campo educativo, investigando sus potencialidades. Tomamos como referencias la obra “No nos van a matar ahora” (2021) de Jota Mombaça y las obras visuales “Asentamientos” y “Paredes de la Memoria” de la artista plástica Rosana Paulino. Utilizamos la poética y el arte como recursos potenciadores para una deserción colonial, en la lucha contra el racismo y la antinegitud, contribuyendo a una visión crítica en favor de la libertad. Estos elementos tejen en la cotidianidad educativa caminos para una educación antirracista y su criticidad en la lucha contra el racismo y sus sutilezas.

PALABRAS CLAVE: Educación Contracolonial. Rosana Paulino. Jota Mombaça. Aquilombamento. Acuir lombamento

ABSTRACT: This article is based on understanding the thought and poetics of Jota Mombaça and Rosana Paulino in the construction of a quilombola pedagogy, grounded in their dissident Black experiences. Through a conceptual investigation of the works of these two intellectuals, our aim is to understand the concepts of quilombamento and acuir lombamento and their applicability to the educational field, exploring their potential. We reference the work “They Won't Kill Us Now” (2021) by Jota Mombaça and the visual artworks “Settlements” and “Walls of Memory” by the visual artist Rosana Paulino. We use poetics and art as empowering resources for a decolonial departure, combating racism and anti-Blackness, and contributing to a critical perspective in favor of freedom. These elements weave paths in everyday education for an anti-racist education and its critical approach to fighting racism and its subtleties.

KEYWORDS: Countercolonial Education. Rosana Paulino. Jota Mombaça. Aquilombamento. Acuir lombamento.

Introdução

Este trabalho analisa as contribuições das intelectuais e artistas brasileiras Jota Mombaça e Rosana Paulino no campo da educação⁴. Pensando as suas produções como feitiçaria e encantamento para uma descolonização do saber. Atravessando as referidas obras, trazemos à tona caminhos que promovem uma descentralização dos lugares de normatividade e branqueamento sobre as teorias para pensar uma reformulação do pensamento educacional perante a fuga, como um ato de educação para a liberdade presente em suas vidas e obras.

Para fundamentar a nossa investigação, assentamos nesse trabalho uma posição de fronteira entre as epistemologias utilizadas, buscando suas aproximações entre quilombos e cuirlombos, para que assim questionemos as regras de normatividade tangidas na educação numa experiência de subversão negra dissidente. Firmamos nesse artigo as contribuições de intelectuais como: Nascimento (2019) Nascimento, M. B. (2018), Lélia Gonzalez (2020) Glória Anzadlúa (2000) Jota Mombaça (2021) Rosana Paulino (2011) Sofia Favero (2020; 2022) como interlocuções que seus saberes promovem para o entendimento dos conceitos que o artigo se põe em defender, para uma educação que se direcione ao lugar de justiça social numa contraposição às instâncias de colonialidade e ao mundo antinegro.

Numa costura dialógica de cunho educacional e filosófico entre Jota Mombaça e Rosana Paulino, iniciamos as provocações que serão desterradas e germinadas nesse trabalho. Começando por Rosana Paulino em suas obras *Assentamento* (2012) e *Paredes da Memória* (1994 - 2015), buscando compreender as expressões de subversão e assujeitamento que são produzidas. Observando nas suas obras a reescrita da história do negro e a influência sobre outras formas de sentir e falar sobre a existência negra. Para este exercício analítico e epistêmico, buscamos embalos no pensamento de Jota Mombaça na obra *Não vão nos matar agora* (2021) investigando o conceito da *quebra* e o diálogo que encontramos junto à produção de Rosana Paulino mediante a compreensão das práticas de aquilombamento e acuirlobamento como formas de subversão às lógicas que ceifam vidas negras estabelecidas pelos padrões de racialização e as políticas de gênero (Leal, 2021).

Para compreensão do aquilombamento, resgatamos dois autores que demarcam na sua trajetória intelectual outro modo para falar sobre quilombo, expandindo a categoria territorial como uma posição corporal e política. Segundo Nascimento, M. B. (2018) e Nascimento

⁴ Agradecemos ao CNPq pelo financiamento do projeto “Investigações-vidas em educação: escrituras, artivismos e alianças políticas na educação” através da Chamada CNPq/MCTI Nº 10/2023 - Faixa B - Grupos Consolidados, processo: 422131/2023-7.

(2019), o aquilombamento emerge como parte de um projeto emancipatório que eleva o negro ao encontro de sua liberdade, fora dos ditames coloniais. Para Nascimento, M. B. (2018), o quilombo surge como uma dimensão de resistência, que se expande a uma re-humanização do negro com sua existência, ampliando a posição do quilombo, para além de uma dimensão territorial de agrupamento, mas de *herança existencial*. Estabelece-se ao corpo um território onde vivencia o quilombo, tornando-se algo maior do que simplesmente o compreendido como negro. Bem como, Fred Moten (2022, p. 140) destaca a experiência negra como “quilombola à procura de quilombos”.

Por outro lado, o aqueerlombamento surge também como uma categoria de engajamento, no entanto, na (coletivização) de um espaço seguro no qual a existência negra dissidente é possibilitada pelo *quilombismo*. Segundo Leal (2021), o aqueerlomabamento advém de uma junção do queer e do quilombo, na qual as equiparações são fruto da estratégia de organização em torno da liberdade, como também da posição tomada pela poeta Nascimento, T. (2018), ao falar de cuírlombismo literário. Entretanto, a posição que tomamos é da dimensão conceitual e emancipadora que encontramos ao pensar na enunciação do acuírlombar tomado pela poeta Nascimento, T. Sob um olhar ladino-amefricano, que investigamos e pensamos um cuir, num modo de compreensão da experiência negra dissidente e suas formas de organização que transcende as estruturas de definição e de subversão da linguagem como um contrabando daquilo que foi roubado numa territorialização amefricana movidas por quilombos e cuírlombos (Gonzalez, 2020).

Neste exercício de criação, lançamos a compreensão da arte criada por Rosana Paulino e o pensamento de Jota Mombaça como maneira de nos livrarmos da cegueira que o mundo moderno colonial escreveu sobre nossas retinas e línguas. Este texto é uma abertura para que possamos pensar e fomentar o trabalho dessas duas intelectuais, demonstrando as suas contribuições ao campo da educação como uma dimensão importante de aquilombar e acuírlombar na inscrição de uma pedagogia acuírlombada como um exercício anti e contracolonial as formas de aprendizagens coloniais.

No quilombo nos acuirlobamos

Estamos de frente para uma imagem. O que cabe dentro desta imagem? O que esta imagem tem a falar sobre você? O que cabe à nação? Percebemos movimentações, quebras que o mar exercita numa forma irregular de percurso. Uma flor branca, um balaio, oferenda que levam e trazem desejos que cortam o *atlântico negro, vermelho*⁵ reiniciando vidas, Rosana Paulino (2019). Raízes, úteros, fluxos de sangue, que expõem a potencialidade da vida numa transfiguração que define outra forma de olhar ao que estamos a mirar. *Esta* não é mais uma *fotografia forense* de coisificação do corpo negro. Não é mais uma escrava, mas uma ancestral que, em meio ao horror das ações coloniais, assentou e condicionou aqueles as potencialidades de conhecê-la e gritar a liberdade, sou livre.

Figura 1 - Assentamento



Fonte: Rosana Paulino, 2012.

⁵ A concepção de *Atlântico Negro e Vermelho* se dar pelo acesso de Rosana Paulino (2019) a obra de Paul Gilroy *Atlântico Negro*, onde a artista pensará o vermelho como sangramentos dos corpos negros em trânsito transatlântico nos navios negreiros.

É possível a cicatrização da ferida colonial? Rosana Paulino nos transporta para um encontro com sua obra que nos leva a outra narrativa, onde o horror colonial está presente. No entanto, a artista transcende para um sentido diferente de compreensão e entendimento em relação à passividade atribuída aos sujeitos escravizados. Paulino nos lembra o lugar que o filósofo camaronês, Achille Mbembe (2018) enuncia a condição de sujeitos ativos dos negros e africanos escravizados, pois mesmo sendo sujeitos escravizados, a vida, o desejo e os sonhos estavam presentes no cotidiano dessas pessoas.

Outro ponto interessante que marca o desenvolvimento da série *Assentamento* é a não exclusão da *obliteração da lembrança colonial*, conforme abordado por Nascimento (2019) em que as marcas dos processos coloniais permanecem se distanciando, mas se escrevendo sobre outro sentido que não cabe à passividade. A artista consegue criar uma simbiose entre as histórias contadas e aquelas que são deliberadamente excluídas, promovendo assim o exercício de aquilombamento na demarcação de outra história, que desmonta a figura do mito da democracia racial que é vivido até hoje, seja no âmbito social, como também no universo cultural.

A arte de Rosana Paulino não configura apenas uma noção de entendimento do racismo e gênero como um elemento balizador, mas constitui um entendimento de outra história prezando pontos de extrema importância para pensar a condição psíquica e subjetividade do indivíduo negro na reposição da sua humanidade. Esta condição concentra dimensão muito importante para a educação, principalmente ao ressignificar a forma de pensar o negro e seu contexto social no sentido de uma *práxis afro-brasileira* (Nascimento, 2019).

A arte torna-se uma abordagem extremamente importante de articulação para o processo pedagógico de aprendizagem como uma posição de interação e de mudança paradigmática por deslocar o sentido das letras como únicas produções válidas para se conhecer ou promover articulação com outras vias de produção de conhecimento. Rosana Paulino (2011), nas suas obras, executa suas produções a partir das suas experiências vividas como uma denominação de engajamento frente aos problemas sociais que decaem sobre suas vidas e a de outras vidas negras. Partindo de uma criação aquilombada, Paulino confronta os sentidos hegemônicos presente no mundo da arte, resgatando a partir da sua *vida negrodescente*.

Conduzimo-nos ao pensamento de Jota Mombaça (2021) como modelo de fissuramento das projeções de estruturação científica e filosófica no campo educacional para pensar formas de deserção do mundo colonial mediante a experiência negra dissidente e expansão da vida social. Jota Mombaça (2021) desestrutura o mundo colonial numa política de sangramentos

movida pela *quebra* e os estilhaços na produção da sujeira como exercício pedagógico. Sangrar todos aqueles que nos fazem sangrar parte de uma das formas pedagógicas da *quebra* em que o pensamento mombaiano lança como forma de confrontar as dimensões que as estruturas coloniais promovem as práticas e a produção de saber. A *quebra* torna-se uma dimensão incapturável às normativas coloniais, sendo um fluxo contínuo de movimentos que se entrelaçam, se enterram e desenterram perante as suas expansões, assim como um rizoma, nos seus movimentos involuntários e de expansão que contrapõem as determinações coloniais, racistas, sexistas e transfóbicas.

Para compreender a noção de sujeira, destacamos as contribuições de Sofia Favero (2022) e sua *Psicologia Suja*. Favero nos convida a refletir sobre o exercício de *militarizar as palavras* e de *bombardeamento das neutralidades*, demonstrando a limpeza como um efeito colonial de higienização e violência a vidas abjetas. Dessa forma, tornar-se suja é um dos efeitos que compõem a *quebra*, mover sobre o sangue que cai das feridas abertas, manchando o currículo, pincelando sobre ele outras cosmologias, mostrando o quanto o humanizado é desumanizador.

É pela *quebra* e pela *sujeira* que manifestamos e questionamos os enredos de uma educação amparada em um modelo de colonialidade que se alastra nos currículos e nas práticas cotidianas. A *quebra* direciona elementos que conduzem a uma desestruturação das dimensões teóricas e ao questionamento da metodologia, com as normativas baseadas dentro dos paradigmas científicos modernos. O que se estabelece é uma menção ao exercício de mudança, devir, que se estilhaça em meio a qualquer determinação fixadora.

Desumanizar o humanizado: educação em contexto

Figura 2 - Parede da Memória (1994-2015)



Fonte: Rosana Paulino, (1994 / 2015).

Qual estatística de vida de um corpo negro dissidente? Quem primeiro mata. A polícia ou a sociedade? Quantos rostos de vidas negras mortas cabem na parede de um museu, de uma galeria? Como abordar a política de morte direcionada às pessoas negras que são desertoras das normas de gênero e sexualidade, como uma das estratégias integrantes do capitalismo racial? Como os estudos em educação têm se engajado para a produção de uma educação antirracista? Partimos destes questionamentos como elementos que tangenciam questões importantes nos processos educacionais para pensar a vida social e os ditames que corpos negros dissidentes vivenciam perante sua experiência vivida na germinação de sonhos e desejos. Quantos sonhos e vidas morrem com a morte de um jovem negro?

Iniciamos destacando o aniquilamento de vidas negras como um dos males determinados pelo mundo colonial. Segundo Frank Wilderson (2020) o mundo colonial delimita à experiência negra a retirada da sua humanidade, movendo-se pela espetacularização da morte social negra para manutenção do seu humanismo. Nesses sistemas de reatualização colonial que podemos questionar as políticas de embranquecimento como uma sustentação para obtenção do lugar de desumanidade e subalternização do negro, tomada pela educação.

Até este ponto, este texto buscou esclarecer os mecanismos de violência que o mundo colonial e a antinegitude impõem às experiências de vidas negras. O roubo de nossas cabeças

é um dos instrumentos que os sistemas de educação condicionou como forma de manutenção das políticas promovidas pelo colonialismo, visando resguardar e sustentar seus poderes nas formas discursivas de acolhimento às diversidades em movimentos de recolonização (Wlash, 2009). Conduzimos, por meio das práticas de acuilombamento e acuirlobamento, o confronto às instâncias coloniais como dimensão emancipadora de liberdade para pensar as mediações de uma pedagogia acuirlobada, como um modelo de engajamento no confronto às práticas de colonização que se experienciam na sutileza das categorias discursivas nas políticas de alianças que se mascaram como diversas e inclusivas.

Nesta execução, inspiramo-nos em Jota Mombaça (2021) para investigar e desconstruir o mundo que nos foi ensinado, bem como desaprender aquilo que foi incutido em nossas cabeças. No entanto, não é uma (des)aprendizagem que edifica um abandono, mas sim uma subversão das categorias de aprendizagem que induzem um processo de despojamento das nossas existências nos “modos de ser, saber, crer e estar no mundo”. (Feitosa, 2022, p. 68) Este processo descreve a inscrição de uma pedagogia acuirlobada, na qual corpos de pessoas negras dissidentes executam no resgate das memórias soterradas, maneiras de produzir frestas para uma deserção do mundo colonial e um confronto às políticas de antinegitude, dissolvendo as ficções de poder que se alastram em nossas subjetividades (Leal, 2021). Isso reflete o ensinamento de Grada Kilomba (2019), que nos lembra que não é com o sujeito negro que precisamos lidar, mas com as fantasias brancas que precisam serem destruídas para que possamos, assim, subverter as estâncias coloniais e suas dimensões onto-espistêmicas (Mombaça, 2021).

Somos conduzidos ao entendimento da *quebra* como uma esfera potencializadora de produção pedagógica e de acuirlobamento, a fim de que possamos perfurar, pelos estilhaços da *quebra*, as fantasias brancas que permeiam a experiência negra e os processos de consciência que se estabelecem na simbiose relacional entre sujeitos. Este exercício é o que Jota Mombaça promove na sua produção, bem como Rosana Paulino. Um tensionamento humanista e de negritude que disputa a condição de humanidade que o mundo colonial e o humanismo branco inscrevem sobre as subjetividades dos sujeitos colonizados não-brancos, negros (Ferreira da Silva, 2019).

A partir da *quebra*, podemos vislumbrar as dimensões que se lançam àquilo que denominamos pedagogia acuirlobada. Na sua projeção, a *quebra* dinamiza uma espécie de descontrole daquilo que o sujeito não pode subjugar. Dessa forma, a *quebra* é refletida como parte da pedagogia acuirlobada, ao ir à contramão da dominação, do controle e das mordças,

executando sua formação na performatividade dos atos que presenteiam uma responsabilização da liberdade, costurando memórias e politizando feridas. Para uma melhor compreensão do sentido de *quebra*, a autora estabelece a seguinte definição:

É provável, aliás, que este texto termine sem oferecer uma definição suficientemente bem articulada quanto ao que aqui se apresenta como “a quebra”. Esse talvez seja o modo de a quebra — menos como entidade autônoma do que como força incapturável — definir-se em sua resistência à definição. Assim, a quebra seria o que não se define, porém não por heroísmo pós-moderno, sim, por fracasso e insuficiência. A quebra não se define porque não cabe em si mesma, porque quando uma vidraça arrebenta, os estilhaços correm para longe, sem nenhuma ordenação plausível (Mombaça, 2021, p. 24).

A *quebra* transborda qualquer noção de essencialismo, determinação que é delineada pelo colonialismo, colonialidade, racismo e antinegitude, pois na sua ação as estruturas de fixação são estilhaçadas produzindo movimentos. O que se compreende, essencializa e determina é dissolvido. É neste emaranhado que a pedagogia acuir lombada encontra suas encruzilhadas, em movimentos de expansão, transgredindo formas de normalização de vigilância, se apossando da errância como um movimento de fortalecimento, pois toda *quebra* assume uma expansão daquilo que não pode ser fixado. Dessa maneira, a pedagogia acuir lombada, por meio da *quebra*, desafia a certeza dos valores morais e éticos, subvertendo as relações humanísticas estabelecidas pelo mundo colonial.

A arte de Rosana Paulino (2011) emerge de um contato íntimo da artista com sua vida *negrodescente* e do lugar de não reconhecimento que eram confrontadas nos livros escolares, nas telenovelas em que sua imagem reforçava os lugares de posição colonial do que é resguardada para pessoas negras. É em movimento de *quebra* e errância que Paulino (2019) executa sua arte, infiltrando-se nos espaços de arte, transgredindo as categorias de legitimidades, demonstrando a sutileza e a poética que resguardam a arte negro-descente, demonstrando na sua forma de observação um lugar esquecido sobre as eventualidades da arte. Essa posição reforça os enredos que a educação perpetua, ao adotar uma visão limitada e colonial de uma ideia de superioridade, universalização e monoracionalidade do saber a partir das criações de sujeitos brancos como verdadeiras e válidas (Nogueira, 2012; Feitosa 2022).

Rosana Paulino (2011) semeia, na sua produção, um outro modo de sentir a arte, ou até mesmo melhor, de pensar o modelo de história que atravessa a subjetividade junto das suas emoções. A arte de Paulino cria um espaço de reconhecimento e, ao mesmo tempo, a responsabilização que as estruturas coloniais projetaram na experiência vivida negra. Também

demonstra as facetas do racismo e da antinegitude, manifestando sobre as dimensões do corpo e da subjetividade, o lugar que determinaram as experiências de vidas negras, nos perguntando em seus traços, linhas e formas quando vocês nos enxergaram enquanto humanos?

Visualizamos a arte que Rosana Paulino produz como um motor de reestruturação de subjetividade e uma possibilidade de reaprender as tramas sociais. Essa reestruturação se reflete na maneira que Késia Rocha (2024) retrata as memórias criadas por Rosana Paulino como modelos de denúncia e que podemos entender de *herança existencial*, como nos diz Nascimento, M. B. (2018). “O desafio abraçado pela artista foi o de suturar as memórias ancestrais rasgadas pelos feitos coloniais na tentativa de reeditá-las, de reencontrar os gostos, as gingas, as crenças, os saberes” (Rocha, 2024, p. 64). As suturas destas memórias reeditadas por Paulino reforçam os manejos da *quebra* e do estilhaço como modelos de rupturas, expansão, errâncias, fuga, como acionamentos que criam possibilidade de conhecimento na reconstrução histórica como um exercício de experimentação e efetivação de uma educação para liberdade na reformulação das imagens que coisificava o corpo negro como objeto de manipulação, desejo e espetacularização.

Ao observar *Paredes de Memórias* (1994 / 2015), estamos diante de uma das formas da *quebra*. Percebemos que a obra não se limita a um exercício de valorização dos sentidos que se aproximam da sua experiência vivida da artista, mas manifesta uma ação de responsabilização ao projeto colonial brasileiro, levando todos os olhares negros para dentro de galerias, museus, como uma forma de mirar aqueles que aniquilam vidas negras, assumindo a responsabilidade pelos atos sociais que constituem os sistemas de institucionalização que vão além da realidade quadricular nos espaços de arte fazendo-se suas pedagogias engajadas como elemento subversivo aos palcos de poder que são legitimados pela branquitude no mundo da arte (Kilomba, 2019; Mombaça, 2021).

Fazer uma menção da arte de Rosana Paulino (2016) com o conceito de *quebra*, que Jota Mombaça (2021) nos presenteia, é de tanto uma grande responsabilidade, principalmente ao entendimento das formas de errância e fracasso que assume a *quebra*. Todavia, se escreve enquanto um presente para compreensão de uma forma de confronto lógico as terminações dos lugares que se enquadram nas discussões científicas, filosóficas e artísticas. Ao lançar a *quebra*, e na compreensão da produção de Rosana Paulino, visualizamos a politização da ferida que Mombaça escreve. O exercício de imagem na sua produção executa a errância como um movimento de violação dos caminhos que o racismo e a colonização estruturam as práticas de

produção – uma *quebra* é executada neste sentido as retinas daqueles que olham passam a virar estilhaços ao mirar sobre as *Paredes de Memórias*.

Neste exercício de resgate de histórias perdidas e soterradas, encontramos em Rosana Paulino (2018) as reminiscências pelo fazer poético de sua arte, demonstrando assim as caracterizações humanísticas que foram determinadas às vidas de pessoas negras. Neste sentido, sua arte vive uma dualidade em que evidencia as projeções que o mundo colonial edificou sobre a experiência negra e, ao mesmo tempo, a subversão mediante o engajamento que estas vidas criam como forma de valorização da humanidade das pessoas negras. A artista envolve, através do fazer artístico, a humanização do corpo negro e, para, além disso, promove assentamentos, segredos e fundamentos que comportam a sobrevivência da vida negra.

A *politização da ferida* é uma das noções que a *quebra* projeta como força motora dos atos que podem ser visualizados a partir dos estilhaços que, em sua forma, vivenciam. Segundo Mombaça (2021), a *politização da ferida* é uma maneira de encontrar acolhimento em espaços irrespiráveis, caminhos instáveis neste limbo que a *quebra* assume uma potência transformadora, de transgressão à compreensão dos corpos de pessoas negras que dissidem das normativas de gênero e sexualidade, que ecoa numa erupção de desordenamento do que é fixado como permanente.

É no lugar de quebra, estilhaços que condicionamos pensar o abandono do mundo colonial. Como forma de quebrar modelos prontos, imposto, currículos e epistemologias que essencializam e objetificam as experiências negras. É como sujeitos fragmentados, fronteirios que percorremos os caminhos, projetando fugas, brechas nos espaços de cativeiro que nossos corpos são jogados, nos tornados farpas, partículas, moléculas que se expandem da dimensão antropocena moderna e na quebra do espelho do narcísico branco, descendo aos infernos como uma pulsão para viver (Fanon, 2008).

É neste emaranhado que visualizamos as formas de articulação que o movimento mombaçiano exercita sobre uma destituição do mundo colonial e o lugar que a arte de Rosana Paulino (2018) promove uma dimensão pedagógica para o entendimento de outras produções de saberes na produção de outros espaços. “Tem a ver com habitar espaços irrespiráveis, avançar sobre caminhos instáveis e estar a sós com o desconforto de existir em bando, o desconforto de, uma vez, juntas, tocarmos a quebra uma das outras” Mombaça (2021, p. 26). É nesta imersão de coletividade possibilitada pelas rotas de fuga que são tecidas as quebras fissuradas pelos estilhaços que criam, miram e ateam fogo que a arte de Rosana Paulino junto

ao pensamento de Jota Mombaça que tecemos nossa *fuga* como um deslocamento das determinações coloniais.

Afoguear a linguagem

Para afoguear a linguagem devemos nos preocupar com o tamanho da adustão que pode ser criada. Esta manifestação é apenas uma maneira de afirmar que ao projetar fogo não sabemos se, ao certo, teremos domínio sobre as chamas que se lançam. Contudo, é isso que buscamos. Consideramos o fogo como um símbolo de transformação que caracteriza um rompimento com qualquer matéria existente, atear fogo como exercício pedagógico é uma das dimensões que lançamos como uma ação anti e contracolonial.

Afoguear é um dos exercícios que podemos compreender do que nos tem ensinado Jota Mombaça (2021), Fanon (2008) Leal (2021) Nascimento (2019). O fogo, em sua metáfora projeta movimentos de errância, e, é em na desordem que avançamos. Ao apresentar o mundo como trauma na experiência de pessoas negras dissidentes, Mombaça (2020) nos posiciona nos enquadramentos que o colonialismo e a antinegitude determinam na experiência das vidas negras, mencionando a sua existência social como uma zona de terror, caracterizando as formas de brutalismo e o lugar de desumanização que é determinado as vidas negras.

Essa antinegitude que configura um ódio à cor, à carne, à performance, resultando no asfixiamento das vidas negras, em mortes ao ar livre, sob o arremesso de pedras e corpos mortos irreconhecíveis na entrada das favelas. Estas são as inexistências da vida negra dissidente que nos fala Mombaça (2020; 2021). É neste emaranhado que a autora nos leva a uma das maneiras de recapitulação da sua inexistência, como um acionamento de existência que se cria e se rompe ao lê-lo, um exercício que potencializamos ao nos movimentarmos pela linguagem.

Ao refletir sobre a adustão da linguagem presente no pensamento Jota Mombaça é preciso resgatar um dos teóricos que proporciona uma primeira adustão para pensar as formas de dilaceramento que a linguagem executa a subjetividade negra. Segundo Frantz Fanon (2008), a linguagem é uma das principais formas de dominação utilizada pelo colonizador para determinar a subalternização e inferiorização de um povo, condicionando muitas vezes a retirada da sua humanidade. Neste exercício, Jota Mombaça (2021) nos ensina a necessidade de propor a queima desta linguagem da qual Fanon fala, concebendo-a como um modelo de inexistência imposto às pessoas negras, e buscando assim uma retomada existencial de suas humanidades.

A linguagem torna-se um campo de disputa, pois é ela que torna nossas existências incógnitas, declarando a inexistência de nossas vidas e fornecendo a dimensão tanto da humanização quanto da desumanização. Neste contexto, resgatamos a pensadora chicana, Gloria Anzaldúa (2000) e o lugar que a linguagem deteve na sua vida desde os anos escolares, sendo utilizada como uma ferramenta de usurpação de sua subjetividade e de controle da sua forma de humanidade diante das estruturas sociais, culturais, políticas e estéticas.

A fissura que Gloria Anzaldúa (2000) exerce na linguagem do colonizador, utilizada para a sua subalternização e desumanização a partir da sua língua crioula, remonta um caso específico ao pensar o Brasil e as formas de subversão que foram criadas. Segundo Lélia Gonzalez (2020) o *pretuguês* pertence a uma marca da africanização que as pessoas escravizadas trouxeram e que se manteve nas formas de dominação de uma língua que não fosse sua, como um marca que as políticas de branqueamento e a ideologia eurocêntrica reforçam numa produção de inferiorização do *pretuguês* como cultura popular e folclore nacional, ou que mediante uma gramática coloquial é determinado como aqueles que não sabem bem o português. No entanto, para González essa marca representa um sentido subversivo que é tomado pela experiência negra como uma forma de recondução ontológica.

Ao pensar uma adustão da linguagem provocamos a possibilidade de escrever em outras línguas, apresentando outra gramática, pensamento que esteja fora da certeza que as categorias de produção do conhecimento moderno colonial determinou como verdadeiro e válido. É o que vemos em Jota Mombaça e Rosana Paulino ao reescrever o *pretuguês* e o *pajubá* nas suas produções, assim como fala Leal (2021) de um rasgo onto-gráfico aos modelos de produção colonial e a suas teorias. Queimar a linguagem que nos foi ensinada é tecer outras formas de comunicação que manifestem na sua forma, maneira que transformem a realidade em que estejam inseridos e a presunção de uma língua que liberte e humanize.

Refletimos a *ética pajubariana* proposta por Sofia Favero (2020) como exercício de subversão dos aparatos coloniais como uma possível via para a humanização. Segundo Favero (2020) a *ética pajubariana* possibilita relações conscientes a respeito da repercussão da transfobia, que exercita não apenas uma transgressão da linguagem, mas um rompimento ao que é seguro e estável. Assim, percebemos a ética pajubá como um exercício de incendiar as formas de objetificação acionadas pelas determinações coloniais, pois seu surgimento se encontra na fronteira dos cuíerlombos onde são enunciadas as *quebras* e a queima da linguagem que encerra e subalterna nossas vidas.

É neste enredo que observamos o *pretuguês* e o *pajubá* como linguagens que devolvem e re-conscientizam nossas existências. No *pretuguês* conhecemos as espadas que saem das nossas línguas como contaminação que horripila o mundo colonial (Gonzalez, 2020). No *pajubá*, encontramos as navalhas que dançam sobre nossas bocas, rasgando as máscaras de silenciamento e cuspidando nos rostos das alianças que são des-aliadas. No quilombo nasce o *pretuguês* e no cuirlombo nasce o *pajubá*, condicionando o aquilombamento e o acuirlobamento como maneiras pedagógicas, costurando memórias e movendo-se de forma engajada a uma dimensão subversiva frente às instâncias sociais (Favero, 2020).

Conclusão

O exercício feito até agora demonstra a forma de fissuramento que Jota Mombaça e Rosana Paulino desenvolvem ao pensar nas narrativas que o mundo colonial executou na forma de manutenção do seu humanismo. O processo desenvolvido por estas intelectuais sedimenta uma reorganização das formas de luta como um princípio para uma deserção do mundo colonial mediante o exercício contracolonial que é exercido nas suas criações. Compreendemos a *quebra* como uma forma de expansão, organização e desorganização para pensar práticas de aprendizagem e de ensinagem mediante os exercícios instruídos pela forma de produção colonial.

Encontramos nas duas obras artísticas de Rosana Paulino apresentadas neste artigo os caminhos que conduzem para o começo desta queima da linguagem. Percebemos que a artista executa um exercício de mencionar as facetas que compõem a construção da linguagem demonstrando a linguagem do colonizador. Ao resgatar as fotos de mulheres africanas escravizadas por homens e mulheres brancas, Paulino promove as primeiras faíscas tomadas por Jota Mombaça em exercício de combustão, levando ao entendimento da expressão que o colonizador teceu seu olhar sobre o corpo negro.

Ao nos depararmos com o pensamento de Jota Mombaça e as obras de Rosana Paulino visualizamos como seus pensamentos, suas artes e ativismos abriram caminhos para a compreensão de outros sentidos e percursos na reconstrução da história, traçando uma rota de fuga e tensionamento aos aparelhos coloniais. Miramos a arte de Rosana Paulino como um campo de especulação de aprendizados e memórias que potencializam novas formas de conhecimento e maneiras de desafiar os aparelhos de controle coloniais.

Jota Mombaça e Rosana Paulino tecem para o mundo uma nova forma de pensar e questionar o que é humanidade, como também de dimensionar os acontecimentos que a história excluiu ao apontar o corpo negro e suas dimensões dentro do processo social brasileiro. Neste exercício, percebemos como a noção de quilombo é determinada em suas produções, pois é a nascente de liberdade, um órgão vivo, que se expande produzindo outra forma como o acionamento do acuir lombamento, como uma maneira de engajamento em que corpos negros dissidentes evidenciam as categorias de gênero e sexualidade mediante a compreensão da sua negritude e subjetividade.

A partir de Mombaça e Paulino, enxergamos os caminhos para uma pedagogia acuir lombada e a expansão de uma luta que se cria e recria como um elemento de engajamento frente às estruturas que posicionam o pensamento e a produção de corpos negros dissidentes, desertores de gênero e sexualidade. Assim, a pedagogia acuir lombada possibilita que reivindicamos o lugar da sujeira, abjeção que é composta aos nossos corpos sob a esfera colonial que direciona o não-lugar do corpo negro dissidente. Promover uma pedagogia acuir lombada é tecer a realidade de forma concreta, mostrando sua face sem máscara como os movimentos de liberdade, provocando uma educação, acuir lombada e acuir lombada que subverte as armadilhas e normativas do que é tanguido como normal.

REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, G. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do Terceiro Mundo. Tradução de Édina de Marco. **Revista Estudos Feministas**, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880/9106>. Acesso em: 25 nov. 2023.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FAVERO, S. Por uma ética pajubariana: a potência epistemológica das travestis intelectuais. **Equatorial – Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social**, [S. l.], v. 7, n. 12, p. 1-22, 2020. DOI: 10.21680/2446-5674.2020v7n12ID18520. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/equatorial/article/view/18520>. Acesso em: 08 mar. 2024.

FAVERO, S. **Psicologia suja**. 1. ed. Salvador: Devires, 2022.

FEITOSA, B. M. **Para um carregamento colonial, um ebó decolonial**: saberes e fazeres da pedagogia de terreiro e suas contribuições de professores. 2022. 108 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, SE, 2022.

FERREIRA DA SILVA, D. A dívida impagável. Tradução de Amilcar Packer e Pedro Daher. São Paulo: Forma Certa, 2019. Disponível em: <https://casadopovo.org.br/wp-content/uploads/2020/01/a-divida-impagavel.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2024.

GONZALEZ, L. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução: Jess Oliveira. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LEAL, A. C. **Ex/orbitâncias**: os caminhos da deserção de gênero. São Paulo: GLAC edições, 2021.

MBEMBE, A. **Crítica da razão negra**. Tradução: Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MOMBAÇA, J. **Plantação cognitiva**. Arte e Descolonização. Masp Afterall, 2020. Disponível em: <https://assets.masp.org.br/uploads/temp/temp-QYyC0FPJZW0J7Xs8Dgp6.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2023.

MOMBAÇA, J. **Não vão nos matar agora**. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MOTEN, F. Ser prete e ser nada (misticismo na carne). In: BARZAGHI, C.; PATERNIANI, S. Z.; ARIAS, A. (org.). **Pensamento radical negro**. São Paulo: Crocodilo; n-1 Edições, 2021. p. 131-191.

NASCIMENTO, A. **O quilombismo**: documentos de uma militância pan-africanista. São Paulo: Editora Perspectiva; Rio de Janeiro: Ipeafro, 2019.

NASCIMENTO, M. B. **Coletânea**. São Paulo: Filhos da África, 2018.

NASCIMENTO, T. **Da palavra queerlombo ao cuierlombo da palavra**. 2018. Disponível em: <https://palavrapreta.wordpress.com/2018/03/12/cuierlombismo/>. Acesso em: 20 nov. 2023.

NOGUERA, R. Denegrindo a educação: um ensaio filosófico para uma pedagogia da pluriversalidade. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**, [S. l.], n. 18, p. 62-73, maio/out. 2012. Disponível em: https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/renato_noguera_-_denegrindo_a_educa%C3%A7%C3%A3o._um_ensaio_para_uma_pedagogia_da_pluriversalidade.pdf. Acesso em: 20 nov. 2023.

PAULINO, R. **Imagens de sombras**. 2011. 98 f. Tese (Doutorado em Poéticas Visuais) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

PAULINO, R. **Obras**. Disponível em: <https://www.rosanapaulino.com.br/blank-5>. Acesso em: 26 out. 2023.

PAULINO, R.; ANTONACCI, C. A costura da memória - Rosana Paulino. YouTube, 04 fev. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uNEIJArBdKw&t=678s>. Acesso em: 01 fev. 2024.

ROCHA, K. A. Uma mirada nos bastidores: a arte de Rosana Paulino como inspiração pedagógica contracolonial. **Revista Periódicus**, [S. l.], v. 1, n. 19, p. 60-82, 2023. DOI:10.9771/peri.v1i19.52837. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/52837>. Acesso em: 01 fev. 2024.

WALSH, C. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In: CANDAU, V. M. (org.). **Educação intercultural na América Latina**: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

WILDERSON, F. B. **Afropessimismo**. São Paulo: Todavia, 2020

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.
Revisão, formatação, normalização e tradução.

